

A ESPERANÇA COMO FORMA DE PERMANECER COM O PROBLEMA NA DUOLOGIA *PARÁBOLA DO SEMEADOR* (1993) E *PARÁBOLA DOS TALENTOS* (1998), DE OCTAVIA BUTLER

Milena Zard

(Universidade Federal do Rio Grande)

Marina Pereira

(Universidade Federal do Rio Grande)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Milena Zard é graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande, bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS. E-mail: milenazard.furg@gmail.com

Marina Pereira é professora adjunta de Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: marinapereira@furg.br

RESUMO

A partir de uma leitura crítica dos romances *A parábola do sementeiro* (1993) e *A parábola dos talentos* (1998), da autora norte-americana Octavia Butler (1947 – 2006), este artigo busca investigar as estratégias de sobrevivência de Lauren Oya Olamina, protagonista da duologia, para sobreviver ao mundo em ruínas - social e ambientalmente - descrito na narrativa. Para desenvolver essa reflexão, a análise será pautada nos estudos de Thomas Moylan (2000) e Raffaella Baccolini (2000; 2004; 2013) no que tange aos lugares de esperança das narrativas distópicas, com foco na maneira com a qual eles são criados e mantidos pelos personagens. Além disso, teremos base nas discussões de Donna Haraway (2023) sobre “permanecer com o problema” no Antropoceno e na necessidade de formularmos ações mais eficientes para se viver (e morrer) bem em um mundo devastado, como construir comunidades, alianças e parentescos para além dos familiares. Sendo assim, neste trabalho, defendemos que devemos aprender a lidar com as questões que a crise evoca, sem fugir delas. Pelo contrário, na verdade, utilizando os recursos e as condições oferecidos por esse cenário.

ABSTRACT

Through a critical reading of *Parable of the sower* (1993) and *Parable of the talents* (1998) novels, from the north American author Octavia Butler (1947 – 2006), this article aims to investigate the strategies employed by the character Lauren Oya Olamina, the duology's main character, to survive in the social and environmentally ruined world depicted in the narrative. To develop this reflection, this analysis will be guided by the studies of Tom Molan (2000) and Raffaella Baccolini (2000; 2004; 2013) concerning places of hope in dystopian narratives, focused on how they are created and maintained by the characters. Moreover, we will be based in Donna Haraway's (2023) discussions about “staying with the trouble” in Anthropocene and the need to formulate most effective actions to living (and dying) well in a devastated world, as to build communities, alliances and kinship beyond the family. Thus, in this paper, we argue that we should learn to deal with the troubles evoked by the crisis, without avoiding them. Conversely, in fact, using the resources and conditions allowed by this scenario.

PALAVRAS-CHAVE

Enclave Utópico; Distopia Crítica; Literatura Norte-Americana.

KEY-WORDS

Utopian Enclave; Critical Dystopia, North-American Literature.

É notável a crescente preocupação com problemas ambientais, sociais, políticos e econômicos resultantes dos rumos de um desenvolvimento pautado em uma ideia de excepcionalismo humano. No entanto, projetamos os problemas desse desenvolvimento para um futuro e esperamos que alguém, um “herói do futuro”, talvez, receba a iluminação e agarre a responsabilidade para si. Porém, esquecemos que, como diz André Araújo em um artigo para a Revista Literária Suplemento Pernambuco sobre Antropoceno e ficção: “Somos nós, como entidade genérica, que através de nossas práticas de manipulação do ambiente, que somos responsáveis pela produção de um novo planeta, hostil a grande parte das espécies que aqui habitam – nós inclusos” (Araújo, 2023) e o ímpeto de mudança também deveria partir da gente. Desta forma, Araújo levanta o questionamento:

[...] que tipo de histórias conseguimos contar perante esses tempos de crises e desastres ambientais? O que podemos dizer, o que podemos apreender, diante de um planeta que aos poucos parece se transformar em algo absolutamente distinto do que conhecíamos, e cada vez mais hostil às formas de vida que o habitam? O que podem as narrativas, de que serve contar histórias e registrar nossa experiência, diante da perspectiva, cada vez mais realista e aterradora, da nossa extinção coletiva? (Araújo, 2023).

Apesar de André Araújo estar se referindo a narrativas brasileiras da segunda década do século XXI, as indagações levantadas pelo autor no trecho citado poderiam ser feitas também para pensarmos obras distópicas como a duologia *A Parábola do Semeador* (1993) e *A Parábola dos Talentos* (1998), de Octavia Butler, que embora escrita no final do século XX, retrata um mundo transformado em ruínas pela própria ganância humana. Desta maneira, partindo do questionamento de Araújo sobre que tipo de histórias conseguimos contar frente às crises, buscamos neste artigo analisar como Butler cria dentro de seu universo distópico espaços de esperanças que nos levam a reconhecer a importância da manutenção de alianças para pensarmos em outras formas de habitar o mundo que sejam menos destrutivas. Para tanto, nos baseamos nos debates sobre as possibilidades de resistência que a distopia oferece, tal qual trabalhado por Thomas Moylan (2000) e Rafaella Baccolini (2004 e 2013) e nas discussões sobre o Antropoceno, de Donna Haraway (2023).

Tendo em vista que, como Conrad Scott nota no artigo *Here, at the End: Contemporary North American Ecocritical Dystopian Fiction*, “[...] muitas vezes, as sociedades não veem as raízes dos problemas levando-as ao desastre até que seja tarde demais”¹ (Scott, 2019, p. 146, tradução nossa), ficções como as de Butler parecem carregar um papel político importante para nos lembrar que nossas escolhas, pautadas em uma ideia de

¹ “[...] societies often do not see the roots of the issues driving them to disaster until it is too late”

progresso a qualquer custo, podem nos levar para um futuro de ruínas, esgotamento e extinção. É neste sentido que percebemos que obras como as da duologia de Butler podem, também, além de nos mostrar o mundo distópico que nos aguarda caso sigamos no mesmo caminho, nos revelar possibilidades de esperança e de mudança para que possamos, talvez, sobreviver às crises que se abatem sobre nós no Antropoceno. Como Rafaella Baccolini defende, ao discorrer sobre a persistência da esperança na literatura distópica, “[...] apenas considerando a distopia como um alerta é que nós, leitores, podemos escapar de um futuro tão sombrio”² (Baccolini, 2004, p. 520, tradução nossa).

A ideia que Baccolini desenvolve no artigo *The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction* (2004) está em diálogo com a discussão de Thomas Moylan (2000) sobre a “distopia crítica”. Moylan nota que no final da década de 1980 e início da década de 1990, por circunstâncias sociopolíticas do período, surgem alguns textos distópicos que vão marcar “[...] um movimento criativo que é tanto uma continuação da longa tradição distópica e uma nova intervenção distinta”³ (Moylan, 2000, p. 188, tradução nossa), que ele vai comentar ser vista por Baccolini (em *Gender and genre in the feminist critical dystopias of Katharine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler*, 2000) como um texto “que ‘mantém uma essência utópica’”⁴ (Moylan, 2000, p. 188, tradução nossa), o que permitiria que os finais dessas narrativas fossem mais abertos, sem um final definitivo e fechado, trazendo possibilidades de esperança à narrativa. Indo além do proposto por Baccolini, Moylan vai argumentar que as distopias críticas:

[...] resiste a ambas ortodoxias hegemônicas e antagônicas [...] mesmo que elas reformulem uma maior e mais totalizante crítica da economia política por si só. Elas consequentemente inscrevem um espaço para uma nova forma de oposição política, fundamentalmente baseada na diferença e multiplicidade, mas agora sabiamente e astutamente organizada em uma aliança política totalmente democrática que pode responder em uma ampla, embora diversa, voz coletiva, não somente criticando o presente sistema, mas também buscando formas de transforma-lo que vão além das limitações de ambas micropolíticas radicais e as ‘soluções’ centristas comprometidas dos anos 1990s⁵ (2000, p. 190, tradução nossa).

Sendo assim, a distopia crítica além de sugerir um lugar de resistência, que pode ser feminista, como defende Baccolini (2000), pode ser “[...] também anticapitalista,

² “[...] only by considering dystopia as a warning can we as readers hope to escape such a dark future”

³ “[...] a creative move that is both a continuation of the long dystopian tradition and a distinctive new intervention”

⁴ “[...] that ‘maintain a utopian core’”

⁵ “[...] resist both hegemonic and oppositional orthodoxies [...] even as they refunction a larger, more totalizing critique of the political economy itself. They consequently inscribe a space for a new form of political opposition, one fundamentally based in difference and multiplicity but now wisely and cannily organized in a fully democratic alliance politics that can talk back in a larger though diverse collective voice and not only critique the present system but also begin to find ways to transform it that go beyond the limitations of both the radical micropolitics and the compromised centrist ‘solutions’ of the 1990s”

democraticamente socialista, e radicalmente ecológica em uma instância geral"⁶ (Moylan, 2000, p. 190, tradução nossa). Desta forma, as distopias críticas como a de Butler, que focam em um grupo de sobreviventes que criam uma comunidade e uma nova religião pautada na ideia de mudança para sobreviver à crise climática, econômica e social que atinge a Califórnia - narrada em *A Parábola do Semeador*, de 2024 a 2027, e em *A Parábola dos Talentos*, de 2032 a 2090 -, nos sugere, de certa forma, que uma das habilidades necessárias para vivermos nas ruínas de um mundo em colapso, além da capacidade de adaptação - ou mudança, como tanto frisa a protagonista e narradora Lauren - é a nossa capacidade de formar alianças.

Lauren Oya Olamina, uma adolescente afrodescendente, é a protagonista da duologia de Butler. Ela vive com seu pai, seus irmãos e sua madrasta em um bairro murado chamado Robledo, na Califórnia. Seu pai é pastor da Igreja da comunidade e professor na universidade, mas que um dia sai para trabalhar e não retorna, o que faz com que Lauren tome a frente e deixe sua mensagem à comunidade que foi criada por ele e outros adultos, dando continuidade ao legado do pai e fortalecendo o quão importante é que permaneçam juntos, ainda mais no momento desafiador e cada vez mais perigoso em que se encontram, no qual um muro alto já não consegue mais isolá-los dos perigos do “lado de fora”:

Meu pai e os adultos presentes tinham criado e mantido nossa comunidade apesar da escassez e da violência do lado de fora. Agora com ou sem meu pai, essa comunidade tinha que continuar, se manter unida, sobreviver. Falei sobre meus pesadelos e sobre a fonte deles [...] - Esses meus pesadelos são nosso futuro se fracassarmos uns com os outros - falei, finalizando. - Fome, sofrimento nas mãos de pessoas que não são mais humanas. Desmembramento. Morte. Temos Deus e temos uns aos outros. Temos nossa comunidade ilhada, frágil e, ainda assim, uma fortaleza. Às vezes, parece pequena demais e fraca demais para sobreviver. E como a viúva da parábola de Cristo, seus inimigos não temem a Deus, nem aos homens. Mas também como a viúva, ela persiste. Nós persistimos. Esse é o nosso lugar, não importa o que aconteça (Butler, 2018, p. 154).

A vida da personagem é resumida aos muros que cercam Robledo pelo fato de haver um “mundo lá fora”, um “outro lado”, devastado por uma crise ambiental, com chuvas cada vez mais esparsas e raras, e pelas corporações. Essas pessoas do lado de fora, em certo momento, invadem e destroem Robledo, pois mesmo não possuindo muito, as pessoas que moram ali são consideradas ricas. O bairro é invadido pelos “piros” - usuários da “droga moderna” derivada de um remédio chamado Paracetco que, inicialmente, era receitado para combater sintomas do Alzheimer, pois “Parava a

⁶ “[...] anti-capitalist, democratically socialist, and radically ecological in its overall stance”

deterioração da função intelectual e permitia à pessoa fazer uso do que lhe restava de memória e de capacidade de raciocínio.” (Butler, 2018, p. 25), e que passou a ser usado também por pessoas jovens e saudáveis, pois acelerava o desempenho cerebral. “Assim, o Paracetco se tornou tão popular quanto o café entre os estudantes.” (Butler, 2018, p. 26). Após a invasão, Lauren fica sozinha, pois seu pai já estava desaparecido e agora seus irmãos e madrastra também, se não mortos. Contudo, antes de fugir do bairro, ela agarra sua mochila de emergência que já estava pronta e, mais tarde, já longe de seu lar destruído, reencontra seus antigos vizinhos sobreviventes, Harry Balter e Zahra Moss, e decidem permanecer juntos, pois como Lauren diz em certo momento: “Nós ajudamos uns aos outros. Um grupo tem força. Uma ou duas pessoas são mais fáceis de roubar e matar.” (Butler, 2018, p. 351). Após o grupo recém-formado decidir seu rumo e sair em busca de uma vida nova, avançam por longas e diversas estradas, onde vão encontrando mais pessoas para somarem ao grupo à medida que avançam a expedição. Em certo momento, Lauren descreve a estrada como:

A estrada em direção ao norte estava o mais vazia que eu já vi. Éramos o maior grupo por perto - oito adultos e um bebê - e as outras pessoas se mantinham longe de nós. Vários dos outros andarilhos eram indivíduos e casais com crianças. Todos eles pareciam ter pressa - como se soubessem o que estava vindo atrás deles. Será que também sabiam o que podia estar à frente - o que haveria à frente se eles permanecessem na 101? Antes de sairmos dessa estrada, tentamos alertar algumas mulheres que viajavam sozinhas com crianças para evitar a região da baía de São Francisco. Conteí a elas que havia muita confusão por lá - incêndios, revoltas, estragos feitos pelo terremoto. Elas só abraçaram seus filhos e se afastaram de mim (Butler, 2018, p. 287).

Durante os 16 anos de sua vida nos quais viveu em Robledo, Lauren e sua família só saíam do bairro para treinar tiro, com exceção de seu pai, que mantinha o emprego. Vivendo com sua família, Lauren os agradava ao fingir normalidade e levar os dias como se nada estivesse acontecendo, embora seu inconsciente apontasse e a lembrasse constantemente de que algo não estava certo, de que ela não poderia mais ignorar os sinais e se contentar em viver uma mentira:

Tive meu sonho recorrente na noite passada. Acho que era esperado. Ele acontece quando eu reluto - quando me debato dentro de uma prisão pessoal e tento fingir que nada incomum está acontecendo. Ele acontece quando tento ser a filha de meu pai (Butler, 2018, p. 07).

Assim, como escreve Peter Stillman no artigo *Dystopian Critiques, Utopian Possibilities, and Human Purpose in Octavia Butler's Parables*, a comunidade não encara as

mudanças de seu tempo:

Essas comunidades nasceram de sonhos de estabilidade, segurança, propriedade e família; mas acabam como pequenas distopias, coleções de indivíduos e famílias cada vez mais ameaçadas pelo mundo exterior, blocos de medo e defensividade em um mundo inimigo e ameaçador ⁷ (Stillman, 2003, p.19, tradução nossa).

Na *Parábola do Semeador*, o primeiro livro, as pessoas que moram naquele bairro querem viver suas vidas com tranquilidade, mantendo um emprego e um estilo de vida confortável. Porém, o alto e imponente muro dividem os moradores do mundo e das pessoas do outro lado, oferecendo uma proteção temporária e ilusória. Lauren diz: “O muro do bairro é uma presença enorme, crescente e próxima. Eu o vejo como um animal encolhido, talvez prestes a saltar, mais ameaçador do que protetor.” (Butler, 2018, p. 63). Antes de serem atacados, Lauren já vinha percebendo falhas na segurança do bairro. Era comum que os piros jogassem sacos com lixo, animais e corpos esquartejados para dentro do muro, mas o problema ficou mais sério para as pessoas de Robledo quando uma criança da comunidade foi morta por um tiro disparado por uma fresta do muro. A comunidade abriga-se em seu próprio medo e tem seu fim nele. E, como consequência, a realidade derruba o frágil muro da não-ação mostrando sua verdadeira face da forma mais cruel possível. Antes disso acontecer, Lauren já refletia sobre o assunto, inclusive elaborava formas de tentar ajudar sua comunidade, como fica evidente em uma conversa com Joanne, uma amiga de muitos anos, sobre esses pensamentos que Lauren vem elaborando em silêncio:

Vamos morrer aqui se não nos ocuparmos agora e encontrarmos maneiras de sobreviver.

- Se você acha isso, por que não diz a seus pais? Alerte-os e veja o que eles dizem.

- Pretendo fazer isso assim que conseguir pensar em uma maneira que os afete. Além disso... acho que eles já sabem. Acho que meu pai sabe, pelo menos. E que a maioria dos adultos sabe. Não querem saber, mas sabem (Butler, 2018, p. 64).

A protagonista possuía ideias revolucionárias, voltadas para o presente e o futuro, diferente das ideias comuns de “manter a normalidade” e “voltar a vida como era antes” expressas diversas vezes por sua família e outros adultos. Para manter seus pensamentos em ordem, ela mantinha um diário com escritos, observações e constatações: “Só observo e faço anotações, tentando organizar as coisas de modos que sejam tão fortes, simples e diretos quanto eu os sinto” (Butler, 2018, p. 89). Lauren também escrevia pois era difícil

⁷ “These communities were born of dreams of stability, security, property, and family; but they end up as small dystopias, collections of individuals and families increasingly endangered by the outside world, blocks of fear and defensiveness in an inimical and threatening world”

que fosse ouvida pelos mais velhos. Ela sabia que não havia como voltar ao passado e que tudo o que havia, de fato, era a realidade do “outro lado” do muro. Ela tentou, inclusive, usar a influência de seu pai na comunidade de modo que ele alertasse e orientasse as pessoas para que se mantivessem preparadas em caso de emergência. Seu pai a escuta, mas não age. Ao contrário, põe a responsabilidade de ação na filha, talvez já sabendo que ninguém a escutaria por ser jovem e possuir ideias “fora do comum”, como muitos confirmam ao longo do livro: “Você é louca de pedra” (Butler, 2018, p. 257). Assim, o pai diz que Lauren assustaria as pessoas falando sobre esse assunto e que, ao invés de assustar, deveria ensinar:

[...] Se conseguir pensar em maneiras de diverti-las e ensiná-las ao mesmo tempo, vai passar a informação. E tudo sem fazer ninguém olhar para baixo.

- Olhar para baixo...?

- Para o abismo, filha. [...] Você acabou de notar o abismo - continuou ele. - Os adultos nessa comunidade têm se equilibrado à beira dele desde antes de você nascer (Butler, 2018, p. 75 e 76).

O pai de Lauren vive fazendo o que acredita ser o melhor para sua família e comunidade. Sai dos muros do bairro para ensinar seus filhos a atirar, instalou cercas elétricas e sinos de emergência, frequenta seu emprego na universidade, promove encontros semanais da Igreja. Porém, infelizmente, é cego ao perigo cada vez mais iminente, como se ele possuísse um limite de ação e a mudança não fosse uma opção. Em uma conversa sobre seus pensamentos acerca do futuro, Lauren diz para a também moradora de Robledo e amiga de infância, Joanne: “Meu pai tem seus pontos cegos - falei. - É a melhor pessoa que conheço, mas até mesmo ele tem seus pontos cegos” (Butler, 2018, p. 66). Desse modo, o pai representa o mundo antigo, agarrado a ideia de que tudo pode voltar a ser como era, sem abertura a mudanças e fadado a viver e construir seu próprio fim, de modo que Lauren representa um contraponto a este padrão, o mundo novo, o mundo hostil, imprevisível, violento, sem recursos básicos e centrado na sobrevivência. Contudo, apesar de viver nesse mundo destruído, Lauren possui ideias muito claras sobre mudança e esperança, sendo uma inerente a outra.

As pessoas que viviam em Robledo tinham sua própria esperança, mas uma esperança voltada ao passado que já não existe mais e não há como acontecer. A madrasta de Lauren, Cory, deixa isso bem evidente quando conversa com Lauren:

- Não conseguíamos ver tantas estrelas quando eu era pequena - minha madrasta me conta. Ela fala em espanhol, sua língua materna. [...]

- Por que vocês não conseguiam ver as estrelas? - pergunto a ela. - Todo mundo consegue vê-las. - Eu também falo em espanhol, como ela me ensinou. É um tipo de intimidade.

- Luzes da cidade - diz ela. - Luzes, progresso, crescimento, todas as coisas que a temperatura e a pobreza não permite nos preocuparmos - Ela fez uma pausa. [...]
- Há luzes na cidade agora - digo a ela. - Elas não escondem as estrelas. Ela balança a cabeça.
- Não há tantas quanto havia antes, nem de perto. As crianças hoje não têm ideia de como as cidades eram brilhantes, e nem faz tanto tempo assim.
- Prefiro ter as estrelas - digo.
- As estrelas são grátis. - Ela dá de ombros. - Eu preferiria ter as luzes da cidade de volta, e quanto antes, melhor. Mas pelas estrelas podemos pagar (Butler, 2018, p. 8, 9, 10).

Lauren nunca acreditou nem desejou voltar ao passado. Por isso, sempre se manteve muito observadora, anotando quase tudo em seu diário. Ildney Cavalcanti, em sua tese de doutorado intitulada *Articulating the Elsewhere: Utopia in Contemporary Feminist Dystopias*, diz que as distopias feministas são “[...] uma prática narrativa que responde a nosso meio social de modo que é autoconsciente criticamente e informada pelo feminismo [...] essa escrita é motivada pelo próprio desejo dos autores de um ‘outro lugar’, é em si mesmo um ato de esperança”⁸ (Cavalcanti, 1999, p. 202, tradução nossa). Neste trecho, a autora refere-se aos escritores, pessoas de carne e osso, mas não se pode negar que a escrita de Lauren também é um ato de reflexão e meditação e, por isso, um ato de resistência e esperança. O fato de a personagem permitir-se pensar sobre alternativas, de encarar a realidade assim como ela é e não como gostaria que fosse, faz com que ela não fuja do seu presente, mas permaneça com ele, podendo assim, lutar. Como diz em certo momento a uma nova integrante de seu grupo:

O mundo está cheio de pessoas malucas e perigosas. Vemos sinais disso todos os dias. Se não tomarmos cuidado e não nos cuidarmos, eles vão nos roubar, matar e talvez nos comer. É um mundo perdido, Jill, e só temos uns aos outros para nos mantermos longe dele (Butler, 2018, p. 333).

A persistência de Lauren culmina na criação de Bolota, uma comunidade criada pelo grupo após encontrarem uma propriedade pertencente à família de Bankole, onde se instalam e começam a viver de maneira autossustentável, com boa moradia, sistema de cultivo de alimentos, educação, democracia e reuniões da Semente da Terra. Seus membros vivem bem, em uma união de esforços na qual, para permanecerem lá, devem oferecer algo, como serviços de força física ou intelectual - o que explica o nome do segundo livro: *A Parábola dos Talentos*.

⁸ “[...] a narrative practice that responds to our social environment in a way that is self-consciously critical and informed by feminism. [...] this writing is motivated by the authors’ own desire for an elsewhere, it is in itself an act of hope”

Segundo Baccolini (2004, p. 520, tradução nossa), algumas distopias trazem um “vislumbre de esperança”⁹ dentro delas através de sua estrutura, como notamos na duologia de Butler, sendo os finais abertos aqueles que “mantém o impulso utópico junto à obra”¹⁰. Moylan (2000), por sua vez, nota o surgimento de um espaço de utopia dentro das distopias, algo que é chamado de enclave utópico por Fredric Jameson (2005). O enclave funciona como um espaço dentro da narrativa, no qual um grupo cria possibilidades a partir da realidade que se apresenta na obra, sendo uma busca “persistente e obsessiva de uma solução simples e pontual para todos os males” (Jameson, 2005, *apud* Pereira, 2022, p. 67). Na narrativa de Butler temos a Bolota como esse enclave, um espaço dentro do universo distópico que nos traz esperança.

No artigo, *Permanecer com o problema: outros modos de habitar o mundo em ‘Salmo para um robô peregrino’, de Becky Chambers*, Jade Arbo e Marina Pereira Penteado observam que:

Em *Staying with the trouble*, publicado em 2016, a filósofa e bióloga Donna Haraway nos coloca que é urgente que, em vista da crise climática atual, nós “permanecemos com o problema” se desejamos que a vida humana na terra seja viável. Permanecer com o problema significa pensar, significa teorizar sobre as contradições complexas e densas do nosso presente para que vivamos o hoje e caminhemos em direção ao futuro que queremos (Arbo; Penteado, 2023, p. 335).

É, portanto, “permanecendo com o problema” - ou seja, não ignorando nem fugindo do presente, por mais denso que ele seja -, que Lauren vive. Seu mundo é tudo o que há e seus companheiros de jornada vão se tornar seu combustível mais efetivo, uma vez que ficar com o problema também significa formar alianças. Como propõe Donna Haraway (2023, p. 183): “Fazer - e reconhecer - parentes talvez seja a parte mais difícil, e a mais urgente”. Fazer parentes quer dizer assumir um compromisso mútuo com outras pessoas e espécies além do laço sanguíneo, significa assumir responsabilidade, pois como enfatiza Haraway:

Uma maneira de viver e morrer bem como bichos mortais no Chthuluceno é unir forças para reconstituir refúgios, para possibilitar uma recuperação e uma recomposição biológica-cultural-política-tecnológica parcial e robusta, que deve incluir o luto por perdas irreversíveis (Haraway, 2023, p.183).

Na narrativa de Butler, sem um grupo, uma comunidade, uma aliança - ou sem parentes -, é quase impossível ter esperança para continuar. E Lauren percebe isso antes

⁹ “a glimpse of hope”

¹⁰ “maintain the utopian impulse within the work”

mesmo do bairro ser invadido.

A partir de sua escrita em seu diário, desde que vivia em Robledo, ela se instrui e cria um plano: A Semente da Terra. E, assim, a ideia vai sendo desenvolvida conforme os acontecimentos da narrativa com a inquietação da protagonista em relação ao modo de vida em Robledo. Ao observar e escrever, espelhava seus pensamentos, e assim, foi construindo uma nova crença baseada em um Deus de Mudança. “Nunca senti que estava inventando nada disso - nem o nome, Semente da Terra, nem nada relacionado. Ou seja, nunca senti que fosse algo diferente da realidade: descoberta em vez de invenção, exploração em vez de criação.” (Butler, 2018, p. 89).

A Semente da Terra é uma comunidade criada ao longo do primeiro livro, *Parábola do Semeador*, com um claro objetivo: chegar ao Destino. O Destino da Semente da Terra é Criar Raízes entre as Estrelas. Essa ideia de Destino entre as estrelas tem motivo nos programas espaciais que estavam acontecendo quando Lauren era criança, bem antes da Semente da Terra ser uma possibilidade, nos quais astronautas eram enviados a Marte para exploração e verificação de possibilidades de habitação. Porém, a morte da astronauta que estava em Marte e a crença comum das pessoas e do candidato à presidência, Donner, de que os programas eram perda de tempo e dinheiro colocavam essa visão em risco. Lauren diz:

Ela se chamava Alicia Catalina Godinez Leal. Era química. Eu pretendo me lembrar dela. Acho que pode ser uma espécie de modelo para mim. Alicia passou a vida indo para Marte - ao se preparar, ao tornar-se astronauta, quando entrou para uma tripulação rumo a Marte, ao ir de fato para Marte, quando começou a entender como terraformar o planeta, ao criar abrigos onde as pessoas agora podem morar e trabalhar... Marte é uma rocha - fria, vazia, quase sem ar, morta. Mas, ainda assim e de certo modo, é o paraíso. Nós o vemos no céu noturno, um mundo completamente diferente, mas próximo demais, perto demais do alcance das pessoas que fizeram da vida aqui na Terra um inferno tão grande (Butler, 2018, p. 26).

Desse modo, Lauren trabalha a possibilidade de ir para outro planeta e a define como o maior objetivo da Semente da Terra no dia de seu aniversário, anos mais tarde:

Aqui está o presente de aniversário que surgiu em minha mente hoje cedo quando acordei. Só duas frases:
O Destino da Semente da Terra
É criar raízes entre as estrelas (Butler, 2018, p. 96).

Lauren tem seu papel de protagonismo e liderança firmado ao pensar diferente das

peessoas ao seu redor, planejando um rumo diferente daquele que parece iminente, com uma comunidade formada por pessoas que confiam e cuidam umas das outras, com um propósito em comum. O propósito de Lauren pode parecer extravagante, mas no final de *Parábola dos Talentos* ela explica:

Eu queria que nós entendêssemos o que poderíamos fazer. Queria nos dar um foco, um objetivo, algo grande o bastante, complexo o bastante, difícil o bastante, e no fim, radical o bastante para fazer com que nos tornemos mais do que jamais fomos (Butler, 2018, p. 467).

É possível pensar na Semente da Terra como um projeto: “Distopias críticas mostram uma cultura de memória - que move do indivíduo ao coletivo - é parte de um projeto social de esperança”¹¹ (Baccolini, 2004, p. 521, tradução nossa). Partindo da iniciativa individual de Lauren, a ideia da comunidade foi espalhando-se para cada membro que se juntava ao grupo, como uma organização planejada, que chega aos poucos em cada um e toma grandes proporções.

Em relação ao grupo que se formava e sua interdependência, uma das maiores preocupações de Lauren era sua síndrome de hiperempatia, efeito do uso de Paracetco por parte de sua mãe dois anos antes dela nascer. Essa síndrome fazia com que sentisse tudo o que visse outra pessoa sentindo.

A síndrome de hiperempatia é um distúrbio ilusório, afinal. Não há telepatia, magia, nenhum despertar espiritual profundo. Há apenas a ilusão induzida neuroquimicamente na qual sinto a dor e o prazer que vejo outras pessoas sentindo. O prazer é raro, a dor é grande e, ilusória ou não, dói demais (Butler, 2018, p. 24).

Ela tinha medo de contar aos outros por não querer ser considerada fraca, como um incômodo que o grupo teria que lidar, mas na situação em que se encontravam Lauren era um tipo de heroína com sua mochila cheia de mantimentos, e sua condição seria um dos menores problemas, desde que permanecessem juntos. No entanto, a hipersensibilidade de Lauren, é um fator que a torna mais humana, mais próxima aos outros. Talvez se não fosse por essa sensibilidade à dor alheia, Lauren se tornaria sem limites para defender sua crença, seus objetivos, seu grupo, seu Destino. Sua síndrome também pode ser levada em conta do ponto de vista de ser um motivador da sua vontade de mudar o futuro. Ver e sentir a dor de toda e qualquer pessoa todos os dias, faz Lauren ter mais coragem e ímpeto de agir, tentando promover um espaço no qual não haja sofrimento como há “normalmente”, ou seja, do modo como estão habituados a ver.

¹¹ “[...] critical dystopias show that a culture of memory - one that moves from the individual to the collective - is part of a social project of hope”

Desta forma, o grupo original, inicialmente formado por Lauren, Harry e Zahra vai crescendo. No caminho em direção ao norte encontram outras pessoas precisando de ajuda e companhia, pessoas que vêm dos mais diversos lugares e que carregam passados sombrios, mas que concordaram em seguir o grupo e, intrinsecamente, a juntar-se à Semente da Terra. Curioso notar que Lauren nunca impôs nada a ninguém. Todos que decidiram unir-se ao grupo o fizeram por vontade própria, por necessidade, por ser a melhor opção, por conveniência, mas nunca obrigados. Como observa Conrad Scott:

Lauren acredita vividamente nos valores por trás da Semente da Terra, como demonstrado desde o início da *Parábola do Semeador* com sua apaixonada e secreta formulação dos princípios que mais tarde irão tornar-se um movimento, um sistema de crenças. Mesmo os aspectos formais dos dois romances de Butler, com a inclusão das citações quase paratextuais dos textos eco-religiosos de Lauren “Semente da Terra: Os Livros dos Vivos” ou outros textos relacionados como capítulos de epígrafos e fragmentos textuais, autenticam a Semente da Terra como bem-intencionada, pelo menos, invés de manipuladora¹² (Scott, 2019, p. 152, tradução nossa).

No segundo livro, *A Parábola dos Talentos*, após reencontrar seu irmão Marcus, que afinal não havia morrido no ataque a Robledo, Lauren explica a ele sobre sua trajetória sobre a formação do grupo e a fundação de Bolota:

[...] Mas por que vieram para cá? Quero dizer, por que não continuaram seguindo até Oregon ou outro lugar?
- Esse lugar é propriedade de Bankole - falei. - Quando chegamos perto daqui, bem, eu e ele queríamos ficar juntos, mas eu também queria... queria manter o resto do grupo junto. Eu estava construindo uma comunidade, um grupo de famílias e pessoas desacompanhadas que ainda eram humanas.
- Andamos nas estradas por um tempo e nos perguntamos se alguém ainda é humano (Butler, 2018, p. 169 e 170).

Nesse livro, além das memórias escritas de Lauren, há a escrita de sua filha Larkin, que não a conheceu pessoalmente, mas teve acesso aos diários da mãe. Larkin lê os diários escritos no passado por Lauren e escreve seus próprios no presente, em algo que parece uma espécie de resposta aos atos da mãe, aos quais a filha não concorda,

¹² “Lauren so vividly believes in the values behind Earthseed, as demonstrated from early on in *Sower* with her passionate and secretive formulation of the tenets that will later become a movement, a belief system. Even the formal aspects of Butler’s two novels, with the inclusion of quasi-paratextual quotations from Lauren’s eco-religious text ‘Earthseed: The Books of the Living’ or other related texts as chapter epigraphs and textual fragments, authenticate Earthseed as well-intentioned, at least, instead of manipulative”

influenciada pelas propagandas políticas de sua época e pela família que a criou. Ela nos ajuda a compreender os aspectos práticos da trajetória e da criação da comunidade fundada por Lauren:

Quando o grupo chegou, havia, naquela terra, um bom poço, um jardim parcialmente destruído, várias árvores frutíferas e castanheiras, além de carvalhos, pinheiros e sequóias. Quando os membros do grupo juntaram dinheiro e compraram carrinhos de mão, sementes, animais, ferramentas manuais e outras necessidades, se tornaram quase independentes. Desapareceram em seus montes e aumentaram o número de integrantes tendo filhos, adotando órfãos e convertendo adultos necessitados. Tiravam o que conseguiam de fazendas e estabelecimentos abandonados, faziam permutas em feiras de rua e negociavam com os vizinhos. Uma das coisas mais valiosas que eles trocavam uns com os outros era conhecimento. Todo membro da Semente da Terra aprendeu a ler e a escrever, e a maioria sabia pelo menos dois idiomas - normalmente, espanhol e inglês, uma vez que eram os mais úteis. Qualquer pessoa que entrasse no grupo, criança ou adulto, tinha que começar logo a aprender o básico e adotar um ofício. Quem tinha um ofício estava sempre ensinando-o para outra pessoa. Minha mãe insistia que isso ocorresse, e parece sensato (Butler, 2018, p. 39).

Esse trecho de Larkin faz uma síntese do sistema de manutenção e de desenvolvimento da comunidade, e também revela uma opinião da menina sobre o modo de vida e de liderança da mãe, quando diz: “Minha mãe insistia que isso ocorresse, e *parece sensato*” (Butler, 2018, p. 39, grifo nosso), como se essa observação fosse incerta, quase rara. Mais adiante, na continuação da conversa com Marcus, vemos que o irmão possui o mesmo pensamento que a filha de Lauren quando ela menciona o nome “Semente da Terra” e Marcus comenta sobre um político apoiador de Jarret, o atual presidente, e sua fala sobre a comunidade:

Semente da Terra? - perguntou, por fim. - Meu Deus, já ouvi falar de vocês. Vocês são aquela seita!
- É o que dizem a nosso respeito.
- Havia um político. Ele estava na corrida para o senado, acho. E ganhou. Era um apoiador de Jarret. Ele fez um discurso em Arcata quando eu estava lá, e estava relacionando cultos adoradores do demônio. E citou a Semente da Terra como um deles [...] a semente dentro da terra crescendo como um fungo venenoso para espalhar o mal a mais e mais pessoas (Butler, 2018, p. 171).

São esses mesmos seguidores de Jarret comentados por Marcus que invadem Bolota posteriormente. Entram nas terras da comunidade com 7 “vermes” - “Um verde, apelidado por sua forma feia, é algo menos do que um tanque, e mais do que um trailer. É

um veículo blindado e armado, que percorre qualquer tipo de terreno [...]” (Butler, 2018, p. 246 e 247) - e jogam um tipo de gás que deixa a pessoa sem força física, mas ainda totalmente consciente. Lauren inala o gás e cai com Larkin, sua bebê, que é retirada de seus braços. Os adultos são carregados até a escola, mas não sabem onde estão as crianças. De acordo com Lauren: “Foi fácil assim. Eles tomaram Bolota, que agora se chama Campo Cristão. Nós, os cativos, não conseguimos fazer nada além de nos remexer, piscar ou gemer por mais de uma hora. Foi tempo suficiente para colocarem a coleira na maioria de nós.” (Butler, 2018, p. 250).

Com a invasão, a família de Lauren foi uma das destruídas, Bankole é morto e sua filha Larkin, assim como muitos outros filhos, é retirada de sua mãe e levada para outro lugar. Lauren, no entanto, - como já era esperado - mantém sua esperança. Logo que Bolota é invadida, começa a elaborar estratégias de resistência e de fuga. Mesmo vendo seus amigos e sua família serem mortos, mesmo sofrendo e vendo outras mulheres vítimas de estupro, mesmo vendo a escravidão remodelada com as coleiras e o trabalho escravo, mesmo vendo sua comunidade e tudo o que construíram ser destruído com a maior facilidade, ela mantém seu hábito de escrita como forma de manter-se sã, para lidar com o aconteceu e encontrar formas de encarar a realidade.

Escrevo sem saber por quanto tempo conseguirei escrever. Escrevo porque eles ainda não nos roubaram tudo. Nossa liberdade se foi, nossos dois caminhões, nossos negócios, nossas casas foram levadas, tomadas de nós. Mas, de alguma forma, eu ainda tenho papel, canetas e lápis.

[...]

Preciso fazer um registro de tudo isso. Não quero, mas preciso. E eu devo esconder esse registro de modo que, um dia, a Semente da Terra saiba que a Semente da Terra sobreviveu.

Faremos isso. Vamos sobreviver. Ainda não sei como. O “como” é sempre um problema. Mas vamos, de fato, sobreviver (Butler, 2018, p. 244 e 245).

A influência de Jarret surge como um contraponto à influência de Lauren. Um usa seu poder e alcance para espalhar ódio, a fim de causar conflitos, como guerras civis, enquanto outro tem o objetivo de criar alianças, um grupo estruturado e com propósito:

Precisamos das estrelas, Bankole. Precisamos de propósito! Precisamos da imagem que o Destino nos dá de nós mesmos como espécie em desenvolvimento, com propósito. [...] Quando não temos propósito difícil de longo prazo pelo qual lutar, lutamos uns contra os outros (Butler, 2018, p. 238).

As duas visões de mundo trabalham como polos opostos, e a visão de liderança de Lauren pode ser fortemente influenciada por sua condição de hipersensibilidade, sendo

aquilo que falta em Jarret. A falta de empatia, de pensar nos outros, na dignidade e bem-estar são fatores que o levam a cometer tais atrocidades. Atributos necessários para se pensar em maneiras de não desistir, de encontrar formas de vida para além da destruição. Lauren escolhe permanecer com o problema, usando as palavras de Haraway (2023), e não apenas aceitar o fim iminente. Ela escolhe lutar por um desfecho diferente.

Assim, a duologia termina com um final aberto e que, segundo Baccolini (2013), é o momento no qual a esperança se faz mais clara. O final de *A Parábola dos Talentos* consiste em alguns membros da Semente da Terra partindo em espaçonaves para outro planeta, mas a própria Olamina não vai, nem seu amigo, Harry Balter. É um final que não põe fim definitivo à duologia, uma vez que não sabemos se a vida fora do planeta Terra é, de fato, melhor, ao mesmo tempo que não sabemos o que vai acontecer com aqueles que ficaram. Permanecemos com dúvidas e, conseqüentemente, com possibilidades. Mas o mais importante: a narrativa não permite que os personagens cedam à força que os oprime. Como afirma Stillman (2003, p. 32, tradução nossa): “A Semente da Terra preocupa-se definitivamente com bem-estar e educação nesse planeta, mas criando enclaves com o sistema político, não mudando esse sistema”¹³. Assim como também nos diz Donna Haraway ao enfatizar a importância da prática de fazer parentes como forma de morrer e viver bem no Antropoceno:

A missão é formar parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso. Nossa tarefa é criar problemas, suscitar respostas potentes a eventos devastadores, e também acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos. Em tempos de urgência, é tentador abordar os problemas como quem procura assegurar um futuro imaginado, impedindo que algo que paira no futuro aconteça, colocando o presente e o passado em ordem, a fim de criar futuros para as próximas gerações. Ficar com o problema não requer esse tipo de relação com esses tempos que chamam de futuro. Na realidade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente; não como um eixo que se desvanece entre passados terríveis ou edênicos e entre futuros apocalípticos ou salvadores - mas como bichos mortais entrelaçados em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias, significados (2023, p. 13).

Lauren não acreditava na Igreja de seu pai, mas possuía sua própria fé e, para ela, Deus é Mudança, fonte inesgotável de esperança, além de uma forma de continuar viva no presente. Raffaella Baccolini (2004, p. 519, tradução nossa) afirma que “[...] nós precisamos desenvolver uma perspectiva crítica que pode nos apontar para ação e

¹³ “Earthseed is definitely concerned with welfare and education on this earth, but by creating enclaves within the political system, not by changing that system”

mudança [...]”¹⁴ e Octavia Butler traz esse olhar crítico com maestria. Publicando sua duologia na década de 1990, ela traz à tona diversos e necessários aspectos, surpreendentemente compatíveis com a nossa sociedade do século XXI. Seu objetivo não parece ser especular sobre o futuro para “adivinhar” como seria, mas chamar atenção para os acontecimentos alarmantes e com potenciais destrutivos de sua própria época e para nos fazer refletir sobre os caminhos que estamos tomando e quais os possíveis resultados que podemos ter. Além de tudo isso, os livros analisados nos ensinam que mesmo em momentos sombrios pode haver esperança, seja a partir do “enclave utópico” (Jameson, 2005, *apud* Pereira, 2022), um espaço físico como Bolota que promove alternativas ao mundo distópico, dos “vislumbres de esperança” (Baccolini, 2004) construídos junto à obra e que o final aberto nos proporciona, e das formações de alianças e parentes que Donna Haraway (2023) propõe.

A duologia de Butler ecoa em nós também. A *Parábola do Semeador* inicia em 2024, ano em que escrevemos este artigo. Isso nos leva a pensar o quanto conseguimos reverter ou intensificar os problemas imaginados no passado e, com isso, o quão perto estamos de replicar essa distopia. Há discursos, crenças, normalização de violência, de vidas negligenciadas na obra que seguem acontecendo atualmente. Através de Lauren, da Semente da Terra, de Bolota e da personificação da Mudança na narrativa - que age o tempo todo como se fosse um personagem à parte -, Butler cria discussões de temas surpreendentemente atuais, ao mesmo tempo em que aponta esperança para sobrevivermos a esse presente devastador. Mesmo com todo o caos do mundo, a comunidade de Bolota continua tendo crianças:

Isso nos torna uma comunidade mais real, de certo modo, agora que muitos de nós tiveram filhos aqui... agora que eu tive uma filha aqui.

Larkin Beryl Ife Olamina Bankole

Nós, seu povo,

Damos as boas-vindas a você... (Butler, 2018, p. 231).

Desta forma, Butler parece nos sugerir que ainda vale a pena continuar. Talvez as coisas possam ser melhores para aqueles que estão vindo se aprendermos com as *Parábolas*, que podem ser vistas como livros-guias dos novos tempos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre antropoceno e ficção. **Pernambuco: Revista Literária Suplemento Pernambuco**, 2023. Disponível em: Acervo

¹⁴ “[...] we need to develop a critical perspective that can point us toward action and change [...]”

Pernambuco - Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre antropoceno e ficção (suplementopernambuco.com.br). Acesso em 29 de julho de 2024.

BACCOLINI, R. Ursula K. Le Guin's critical dystopias. **Critical Insights Dystopia**. Hackensack: Salem Press, 2013, v. 1, p. 37-53

BACCOLINI, R. The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction. **PMLA. Special Topic: Science Fiction and Literary Studies: The Next Millennium**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. v. 119, n. 3, p. 518-521

BACCOLINI, R. Gender and genre in the feminist critical dystopias of Katharine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler. **Future females, the next generation: new voices and velocities in feminist science fiction criticism**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2000, p. 13-34

BUTLER, O. **A parábola do semeador**. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2018.

BUTLER, O. **A parábola dos talentos**. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2019.

CAVALCANTI, I. **Articulating the Elsewhere: Utopia in Contemporary Feminist Dystopias**. 1999. Tese (Doutorado em English Studies) - University of Strathclyde, Glasgow, 1999. p. 201 – 206

HARAWAY, D. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução Ana Luiza Braga. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2023. p. 11-23; 211-226; 177-188

MOYLAN, T. **Scraps of the untainted sky: Science fiction, utopia, dystopia**. Boulder: Westview, 2000. p. 183 – 199

PENTEADO, M. P.; ARBO, J. B. **Permanecer com o problema: outros modos de habitar o mundo em "Salmo para um robô peregrino", de Becky Chambers**. Florianópolis: Ilha do Desterro, 2023. v. 76, n. 2, p. 333 – 345

PEREIRA, A. M. **A esperança que resiste ao caos: a sobrevivência do enclave utópico na distopia Maddaddão de Margaret Atwood**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. p. 65 – 76

SCOTT, C. **Here, at the End: Contemporary North American Ecocritical Dystopian Fiction.** 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Alberta, Edmonton, 2019. p. 141 – 167

STILLMAN, P. G. **Dystopian Critiques, Utopian Possibilities, and Human Purposes in Octavia Butler's Parables.** *In: Utopian Studies.* Pennsylvania: Penn State University Press, 2003. v. 14, n. 1, p. 15 – 35

Título em inglês:

HOPE AS A WAY TO STAY WITH THE TROUBLE IN *THE PARABLE OF THE SOWER* (1993) AND *PARABLE OF THE TALENTS* (1998) DUOLOGY, BY OCTAVIA BUTLER